como de resumos e palavras-chave, em português, mas também em inglês, na medida em que o uso exclusivo do vernáculo (substituído uma única vez, no estudo de Paolo Fedeli, pelo italiano) acaba por ser uma limitação no acesso universal aos textos.

Perlustrado o volume, é forçoso consentir com as coordenadoras da publicação, ao asseverarem que "a revisão da literatura portuguesa contemporânea à luz dos clássicos se afirma como um campo fértil de investigação, que deve ser prosseguido em futuros eventos", e, naturalmente, envidar esforços para dar cumprimento a este desígnio.

Lieve Van Hoof, *Plutarch's practical ethics: the social dynamics of philosophy*, Oxford/ New York, Oxford University Press, 2010, 238 pp., ISBN 978-0-19-958326-3

EDUARDO MACHADO (*Centro de Estudos Clássicos, Universidade de Lisboa — Portugal*)[3]

Neste precioso estudo, Van Hoof desenvolve o conceito de «dinâmica social da filosofia», concentrando-se sobre a função que alguns textos do *corpus* plutarquiano desempenhavam na autoformação da elite política e intelectual da época imperial. A obra está dividida em duas partes distintas. Na primeira parte, a autora identifica de um modo geral a seleção dos temas abordados, assim como o público a que Plutarco se dirige (cap. I). Desvela, em seguida, as estruturas discursivas e as técnicas retóricas utilizadas (*krisis*, *askesis*; *epilogismos*, *ethismos*) (cap. II) e reflete finalmente sobre o tipo de imagem que o filósofo de Queroneia voluntariamente transmite nos seus textos (cap. III). A segunda parte consiste numa análise profunda e detalhada de cinco textos fundamentais deste caráter mais prático e psicoterapêutico da filosofia plutarquiana sob a perspetiva explicada na primeira parte (*Sobre a tranquilidade da alma*, *Sobre o exílio*, *Sobre a loquacidade*, *Sobre a curiosidade*, e *Preceitos sobre a defesa da saúde*).

A introdução constitui uma boa base para a compreensão da evolução do estado da arte sobre os *Moralia*, na qual se verifica um claro abandono da tradição da *Quellenforschung* e a defesa da figura de Plutarco como um filó-

[3] macheduardo@gmail.com.

sofo bastante original. A especificidade da análise proposta reside precisamente no anglo de abordagem, na atenção consagrada ao elo estrito entre a filosofia prática de Plutarco e a vida quotidiana das elites.

Deste modo, Van Hoof insere o seu trabalho na mais recente fase dos estudos plutarquianos, marcada por uma clara abertura interdisciplinar e, em particular, por um interesse especial pelo contexto sociohistórico dos textos psicoterapêuticos, recorrendo a conceitos sociológicos e linguísticos na sua análise. Note-se por exemplo a utilização das noções de «capital simbólico» (Bordieu), de «atos de fala» (Austin) ou ainda da teoria da receção em geral, campos e noções que servem de quadro teórico para a análise do processo de produção, nomeadamente no que diz respeito às estratégias retóricas e aos contextos discursivos dos textos em questão, e à criação de uma relação estreita entre Plutarco e os seus leitores.

É nesta perspectiva que a autora estuda estes textos por vezes negligenciados que Konrat Ziegler no seu famoso artigo da *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft* (1951) define como "popularphilosophie". Afim de refutar a associação da filosofia mais prática de Plutarco a uma certa literatura moral destinada especialmente às massas e baseada exclusivamente no senso comum, visão que tanto marcou negativamente a imagem de Plutarco, commumente considerado um autor de segunda categoria, Van Hoof examina com atenção estas obras do ponto de vista da sua finalidade, do público e da função exercida pelo autor. Desta reflexão surge uma imagem diferente de Plutarco que resulta de algumas precisões importantes.

A autora ressalta o caráter psicoterapêutico da filosofia plutarquiana e o papel do filósofo como entidade conselheira e eclética, prodigalizando conselhos pertinentes com vista à transformação do indivíduo pela reflexão em torno de problemáticas práticas e não apenas pela instrução doutrinal direta e sistemática. O caráter eclético do filósofo é considerado como um aspeto essencial e não como um obstáculo a essa transformação. A autora defende que o objetivo principal de Plutarco nestes textos não passa pela transmissão de conhecimentos teóricos sobre os tipos de vida (*Bioi*) suscetíveis de escolha pelo leitor, tradição construída apartir do pensamento de Platão e de Aristóteles, mas por conselhos práticos a filófosos-amadores, a

pessoas ilustres com alguns conhecimentos básicos em teoria filosófica que não anseiam alcançar a sabedoria, (*sophia*, *bios philosophos*), mas apenas procuram viver melhor em sociedade, tentando adquirir uma atitude filosófica (*diathesis*, *phronesis*). Note-se que, segundo Van Hoof, a filosofia prática de Plutarco não se insere na célebre perceção da filosofia como «modo de vida» (Pierre Hadot), dado que esta conceção não estabelece uma distinção entre o filósofo profissional e o filósofo amador. A filosofia constitui apenas uma ferramenta, uma ponte entre o indivíduo e a sociedade. Esta distinção é importante para compreensão do trabalho de interpretação da autora.

São também analisadas várias estratégias utilizadas por Plutarco como o apelo à sensibilidade do leitor, a utilização de personagens identificadas com modelos ou a associação de certos comportamentos com determinados grupos sociais, assim como a variedade de exercícios propostos ao leitor, técnicas bem construídas, cujo grau de complexidade evidencia um moralismo bastante sofisticado.

Além de estudar estas técnicas como meio de promoção da terapia pessoal dos leitores, a autora destaca também o modo como Plutarco promove a sua própria imagem, afirmando a sua autoridade junto das elites e reservando para si próprio uma posição singular como filósofo. De facto, embora Plutarco seja um acerbo opositor dos sofistas e geralmente considerado como um verdadeiro *philanthropos*, com este estudo essa imagem é de certo modo ofuscada pelas supostas ambições sociais do filósofo. Esta leitura levanta a questão da possível associação da figura de Plutarco à *Segunda Sofística*, problemática que a autora deixa em aberto no final da obra.

Em suma, os argumentos em torno da leitura de Plutarco na perspetiva da finalidade (psicoterapêutica), assim como do público (elite e não as massas), e a análise prática dos textos plutarquianos dissipam a visão redutora da tradição incarnada pela classificação de Ziegler, abrindo novas perspetivas de estudo.

A extensa bibliografia especializada e atualizada, e as numerosas notas e comentários muito úteis que acompanham o estudo constituem uma verdadeira ferramenta para os investigadores que trabalham sobre os aspetos práticos da filosofia moral de Plutarco.

O valor científico deste estudo é inequívoco. O resultado é uma reflexão coerente, profunda e muito bem documentada sobre a função social do filósofo e sobre a teoria de produção-receção de textos especificamente destinados à elite política e intelectual. Os textos estudados aparecem assim sob uma nova luz. Van Hoof põe em relevo de forma exemplar a singularidade de Plutarco como guia e conselheiro das elites. Trata-se, de facto, de um contributo notável para os estudos plutarquianos, e de um exemplo valioso de como investigadores no domínio das clássicas exploram novos campos de investigação, explorando novas metodologias, integrando-se nas problemáticas atuais das ciências humanas.

ISEU. *Discursos. VI. A herança de Filoctémon.* Tradução do grego, introdução e notas: J. A. Segurado e Campos. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos 1ª/2013, pp. 162, ISBN: 978-989-721-049-5.

PRISCILLA GONTIJO LEITE (*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra — Portugal*)[4]

A recente tradução do discurso de Iseu, *A herança de Filoctémon*, realizada por José António Segurado e Campos é um importante contributo para os estudos em língua portuguesa sobre a retórica grega e o direito praticado na Atenas Clássica. Segurado e Campos é professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e também já se dedicou a tradução de outro orador grego. Em 2010, o discurso *Contra Leócrates* de Licurgo foi publicado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e está disponível juntamente com a tradução atual de Iseu em versão *online* no site do *ClassicaDigitalia*[5].

Em ambos os livros, Segurado e Campos adota a mesma metodologia. A primeira parte, denominada *Introdução,* é longa e apresenta um estudo detalhado de vários pontos da obra. Ela é subdividida em tópicos, a começar pela vida e pela obra do orador traduzido. Depois analisa o contexto histórico em que cada discurso está inserido. O texto de introdução possui numerosas notas que remetem a estudos consagrados na área,

[4] priscillagontijo@gmail.com.

[5] https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/.